

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS
FACULDADE DE PEDAGOGIA – FAGED
CURSO DE PEDAGOGIA À DISTÂNCIA – PEAD

STELA MARIS DA ROSA DIAS

RESGATANDO A IDENTIDADE DO ALUNO
ATRAVÉS DO ENSINO DE HISTÓRIA
NA EDUCAÇÃO INFANTIL

TRÊS CACHOEIRAS

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
CURSO DE PEDAGOGIA À DISTÂNCIA – PEAD

STELA MARIS DA ROSA DIAS

RESGATANDO A IDENTIDADE DO ALUNO
ATRAVÉS DO ENSINO DE HISTÓRIA
NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção de título de graduação do Curso de Pedagogia à Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Professora Orientadora
Carmem Zeli de Vargas Gil
Tutora: Alda Glaciela Pereira

TRÊS CACHOEIRAS

2010

Dedico esse trabalho a todos os alunos que já passaram em minha sala de aula, em especial aos alunos da turma Pré-escolar 2 A da Escola Municipal de Educação Infantil Bem-Me-Quer (Anexo Big Hotel), que me permitiram a construção desse trabalho através do Estágio Curricular ali desenvolvido no oitavo semestre do Curso de Pedagogia à Distância.

AGRADECIMENTOS

A conclusão do Curso de Pedagogia, que me exige esse trabalho final, só foi possível com a colaboração de um conjunto de pessoas que me oportunizaram viabilizá-lo, às quais quero expressar meu muito obrigado por ter chegada à etapa final.

Agradeço a todos os professores e tutores que me orientaram ao longo desses quatro anos e meio de curso, aos quais dedico um carinho enorme, muito especialmente quero registrar o laço de amizade que me foi proporcionado pelas professoras Nadie Christina Machado Spence e Mara Níbia da Silva.

Também quero deixar aqui um agradecimento especial aos tutores que me acompanharam durante a caminhada, especialmente as tutoras Roberta Manfredini, pela dedicação nas madrugadas em me auxiliar na apropriação das tecnologias e a Viviane Comozzato pela delicadeza e impulso que deu a minha vida estudantil, no período em que estive conosco, ao comentar meus trabalhos da faculdade e os trabalhos desenvolvidos na escola, enquanto prática profissional.

A todos os tutores que colaboraram nessa caminhada, muito obrigada!

Também destaco agradecimento especial à professora Hilda Jaqueline Fraga, orientadora do Estágio Curricular e a tutora Alda Graciela Pereira pela atenção e carinho com que me auxiliaram em mais uma etapa na conclusão do curso.

Agradeço a colaboração da professora Carmem Gil e da tutora Alda Graciela nessa etapa conclusiva do curso.

Por fim, meu agradecimento maior vai para Deus, minha família e minha filha Marina, que passou noites, madrugadas, finais de semana e feriados esperando pela minha atenção, ao longo desses anos todos que eu pudesse dar conta primeiro do trabalho escolar, para depois então atendê-la.

Aproveito o momento e deixo meu pedido de desculpas para todas as pessoas as quais não dei a devida atenção ou não concretizei a aprendizagem necessária para ser melhor avaliada em meu trabalho estudantil, profissional, pessoal e familiar durante esses quatro longos anos e meio de estudos.

É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo. (Paulo Freire, 1996).

RESGATANDO A IDENTIDADE DO ALUNO ATRAVÉS DO ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Stela Maris da Rosa Dias

RESUMO

Esse trabalho é o resultado de pesquisa sobre o resgate da identidade do aluno, inserido na escola, dentro da localidade em que moramos - o Município, através de variadas atividades desenvolvidas ao longo do período de Estágio Curricular realizado numa turma de Educação Infantil, de nível pré-escolar. Elegi o tema Ensino de História e Educação Infantil, pois durante a prática me deparei com a situação em que os alunos não sabiam contar sobre o seu nascimento, seu nome, a origem e significado, quem o escolheu e por que. Esse não saber dizer a sua história individual me levou a querer buscar, a investigar porque e em que outros espaços essas questões são discutidas. Será que os pais não praticam essa tarefa? Somente a escola é responsável pela pesquisa, pelo resgate da história dos alunos? Busquei a história individual de cada aluno através de pesquisa na família e através da roda de conversas, na sala de aula ou não, socializamos os dados adquiridos, querendo com isso construir uma identidade de turma. Pesquisei através de Áries a história da construção da infância, e registrei essa caminhada do conceito de criança através da passagem do tempo e dos interesses que a apresentaram ao longo dessa caminhada para que a criança pudesse chegar ao que hoje concebemos. E de Piaget que a criança é um ser potencialmente em desenvolvimento e pleno de possibilidades intelectuais, cognitivas, e que passa pelos estádios de desenvolvimento, devendo ser entendido como sujeito passível de construir conhecimento. Busquei de Magda Soares a oralidade e o letramento que se faz presente nessa caminhada escolar inicial, pelo contexto letrado em que todos estão inseridos na atualidade. Trouxe de Freire a metodologia do diálogo, através da roda de conversas e a possibilidade que o próprio aluno tem de tornar-se sujeito da sua aprendizagem, trazendo essa realidade para a sala de aula e entrelaçando-a com a (realidade) do outro, incluindo aqui suas vivências cotidianas. Acrescentei ainda, de Oliveira, a nova condição de família que, imbuída da necessidade de manter a subsistência da família, precisa que todos participem com a busca do trabalho remunerado, não mais tendo tempo de partilhar com os filhos as coisas básicas como contar histórias e também a sua própria história. Partindo da questão inicial - Como ensinar História para crianças da Educação Infantil? – e das inquietações que me acompanharam no período de Estágio Curricular do porque a família não mais realiza essa tarefa em casa. Utilizei então os instrumentos de pesquisa na família, a certidão de nascimento e a ficha de matrícula para construir esse trabalho de ensinar História na Educação Infantil. E pude concluir embora a inconclusão seja permanente, que a escola tornou-se um lugar muito importante, talvez o primeiro, a buscar esse resgate das individualidades dos alunos para que possam então conhecer sua história individual e construir a história coletiva da turma. Parece, portanto, que os pais, os responsáveis pelos alunos, não mais têm tempo para essa tarefa. Essas reflexões foram construídas a partir do registro das aulas do estágio no relatório e do pbworks, e as leituras que me auxiliaram a entender a importância do resgate da História de todos e de cada aluno na Educação Infantil.

Palavras-chaves: 1 - História. 2 - Identidade. 3 - Individualidade. 4 - Coletividade.

SUMÁRIO

1 PARA UM COMEÇO DE CONVERSA	8
2 A CONSTRUÇÃO DA INFÂNCIA	13
2.1 ORALIDADE E LETRAMENTO	14
2.2 CONTANDO NOSSAS HISTÓRIAS	17
2.3 A ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL	19
3. ENSINANDO HISTÓRIA NA PRÉ-ESCOLA	22
3.1 AFINAL, DE ONDE VIERAM NOSSAS HISTÓRIAS?.....	26
4 ENCERRANDO ESSE COMEÇO DE CONVERSA	31
REFERÊNCIAS	35
APÊNDICES	36
APÊNDICE 1 - PROJETO CUIDANDO DO ESPAÇO COLETIVO	36
APÊNDICE 2 - PESQUISA DA FAMÍLIA	39
APÊNDICE 3 - AS AVENTURAS DE PAPA-TERRA	40
ANEXOS	42
ANEXO 1 - PAINÉIS DA HISTÓRIA DO MUNICÍPIO.....	42
ANEXO 2 - PALESTRA NA SEMANA MUNICIPAL DO MEIO AMBIENTE.....	43

1 PARA UM COMEÇO DE CONVERSA

Minha profissão se delineou em 1992, aos 30 anos de idade, quando resolvi ser professora! Tinha para mim que professora era uma profissão que não me levaria a muitos lugares, apenas à sala de aula.

Então, em 1992 tive a oportunidade de cursar uma graduação, pois uma universidade estava se instalando em Torres. Prestei vestibular e fui aprovada na segunda opção de curso que escolhi: Pedagogia. Enquanto cursava o primeiro semestre tive inúmeras dificuldades, pois não conhecia nada de educação, nem as falas mais comuns que são usadas na escola eu sabia. Quando se falava de currículo, avaliação, metodologia eu entrava em pânico. Aos poucos, com muito afinho e estudo, fui me inteirando das coisas que permeiam a escola, a sala de aula, e fui me envolvendo com o assunto. Ao final do semestre tínhamos que apresentar um trabalho na disciplina de Introdução ao Método Científico e o professor orientou aos alunos que cada um escolhesse um assunto, um tema dentro do seu curso, da área de atuação. Então uma amiga, Nora, que era professora à época e que estudávamos juntas, me sugeriu que eu fizesse meu trabalho com o assunto educação infantil, afinal ali era o início da educação formal, escolar. Fiz isso, pesquisei em livros, fui à sala de aulas e me encantei com a profissão!

Não concluí a graduação por problemas particulares, mas cursei três longos e maravilhosos anos do curso. Voltei ao ensino médio, e cursei o Magistério, me formando em 1997. Nesse tempo fui aos poucos me envolvendo na escola: dava aulas no lugar dos professores que faltavam; substituía minha irmã quando precisava e semanalmente ia para a sala de aulas para realizar atividades de educação física. Nesses momentos propunha atividades com jogos e brincadeiras aos alunos, numa turma de segunda série. Foi um tempo muito gostoso, passei um ano inteiro envolvida com as questões da sala de aula. Mas somente nesses momentos bons, alegres, divertidos. O dia-a-dia, os conflitos, os desafios diários, as dificuldades de aprendizagem e as relações professor-aluno eu não vivia. Somente a afetividade, a amizade e o carinho dos alunos que me encantavam nesses dias que ali me encontrava com eles.

Formada, concursada e nomeada comecei minha carreira profissional em 1998, no município de Arroio do Sal, onde moro. Então comecei a atuar na minha profissão, já madura (contava com 35 anos de idade) e encantada com tudo que a sala de aula tem e mais aquilo que os alunos agregam junto: desafios constantes, realidades opostas, desmotivação, dificuldades de aprendizagem, necessidades diferentes. Individualidades que se fundem no

coletivo da turma. Coletividade que se faz de cada um, na troca e partilha de atitudes, na colaboração e na solidariedade entre os pares que se encontram diariamente nesse espaço que denominamos sala de aula.

Nesses momentos de vivências em conjunto, no espaço da escola, atuando sempre nas primeiras séries iniciais (hoje anos); cuja função primeira é levar ao aluno a decodificar o mundo das letras, e como sendo uma obrigação iniciar esse trabalho com o mundo vivido do aluno, a escrita do seu nome é o primeiro caminho que fazemos. Bem como trabalhar a sua história, a história que cada aluno traz consigo. História familiar, da gestação, da realidade vivenciada em seu cotidiano. Enfim, escarafunchamos a história individual de todos e de cada aluno em particular, pois é a partir da sua identidade pessoal e familiar, de onde mora, com quem mora e onde mora é que podemos dar impulso à descoberta do mundo escrito na sua história.

Nunca pensei que é, de fato, obrigação começar o trabalho escolar pela história de cada aluno. Ao contrário, sempre trago comigo que cada aluno particularmente, e todos eles juntos, nas trocas permitidas pela convivência comum, em sala de aula, podem agregar muitos conhecimentos nesse contato diário, incluindo a mim nessa partilha e agregação de novas aprendizagens que se fazem no coletivo. Mas, como alguns estudiosos e teóricos da Psicologia, da Educação e até da Antropologia apontam esse caminho como o melhor começo da aquisição de entendimento do mundo letrado, penso que de fato é esse “meu nome”, a “minha letra” a “letra do meu melhor amigo” a melhor parte para se trabalhar em sala de aula.

Tendo em mente essa questão e trazendo também aqui a questão da literatura como uma boa forma de adentrar o mundo escrito, pois permite a visualização da palavra escrita e sua decodificação na leitura, além de trazer o imaginário das aventuras ali descritas e vividas pelos personagens, penso que é realmente muito importante resgatar a identidade de cada aluno e constituir uma identidade da turma através das leituras das histórias pessoais e individuais, de todas as histórias da turma, entrelaçando-as em sala de aula para dar conta dessa produção, dessa interação, desse movimento, da ação da coletividade em prol da descoberta do mundo.

Pretendo discutir nesse trabalho, no primeiro capítulo, a construção da infância através do livro *História Social da Criança e da Família*, de Philippe Ariès (1973) onde o autor traz vários dados e fatos históricos para nos contar como se deu essa construção da infância, como a criança passou de uma miniatura adulta em tempos passados para a criança que concebemos hoje: sujeito em pleno desenvolvimento infantil, com a oportunidade de vivenciar sua faixa etária e o seu potencial a cada etapa de seu desenvolvimento físico, mental e social, tanto na

questão da força física, no direito de brincar e nas permissões e possibilidades da sua idade, construindo assim toda a sua história de vida, passando pelas etapas as quais determinam as fases do desenvolvimento, conforme Piaget teorizou através de estudos comprobatórios na sua epistemologia genética. Nas interdisciplinas de Psicologia do Desenvolvimento tivemos a oportunidade de conhecer alguns desses estudos através das leituras oferecidas, que serão revisitadas para melhor embasar esse pensamento.

Quero costurar no texto um resgate à oralidade como meio de ensinamento e de diálogo que acontecia entre os membros familiares de há algum tempo atrás, que nos foi legado pelas nossas origens étnico-raciais, herança herdada de nossos antepassados, o povo indígena que aqui já habitava quando da tomada do Território brasileiro pelos europeus. Herança essa que faz parte da minha história de vida, como moradora de um pequeno balneário litorâneo e que traz em seus primórdios essa prática permeada pelas histórias que ouvíamos de nossos pais e familiares, que se baseava na contação de histórias também ouvidas de seus pais, através da oralidade.

Conforme a urbanização foi-se fazendo, os veranistas vindo para cá, novas histórias foram sendo acrescentadas em nossa infância. Todas essas histórias foram por mim vivenciadas e assim se deu a construção do nosso município – Arroio do Sal.

Enfim, a oralidade da contação familiar fez parte da minha infância e hoje praticamente inexistente na infância das crianças pelo caminhar da história, do progresso, das tecnologias, da necessidade da mãe ter saído de casa para também garantir a sustentação financeira da prole.

Trouxe ao trabalho também Magda Soares, num artigo da Revista Pátio de 2009, intitulado “Alfabetização e Letramento na Educação Infantil”, para falar do letramento permanente em que nos envolvemos nesse período, pois todas as atividades realizadas trouxeram à roda de conversas o manuseio de impressos, bem como o mundo letrado que nos acompanhou em nossas saídas, na rua, nos comércios locais, nas visitas à Biblioteca, uso dos computadores, na hora do conto, e de todas as maneiras que as letras se fizeram presentes no Estágio Curricular.

Busquei resgatar a história da saída da mãe “do lar” para o campo de trabalho, na busca de garantir e/ou contribuir nas questões financeiras da sustentação da família, em conjunto com o seu parceiro ou não, e o quanto isso afetou a parte referente às informações da história do filho, aqui analisado como aluno, que normalmente eram da responsabilidade da mãe. A figura materna é que ficava em casa durante todo o dia e, além da atribuição de criação, do cuidado, manutenção da ordem, da educação dos filhos e da organização da casa,

tinha a responsabilidade de satisfazer as curiosidades dos filhos no seu desenvolvimento físico-psico-afetivo. Aqui então vou incluir e imbuir à mãe nessa tarefa de contar aos filhos (alunos) como se deu sua história, desde a gestação até a entrada na escola, que hoje acontece bem mais cedo, já com a inclusão dos filhos na creche a partir dos quatro meses de idade.

As referências aqui serão trazidas das obras Educação Infantil: Fundamentos e Métodos, de Zilma Ramos de Oliveira (2008), e Qualidade na Educação da Primeira Infância, perspectivas pós-modernas, de Gunilla Dahlberg, Peter Moss e Alan Pence (2003).

Por fim, quero dedicar um capítulo à minha prática de Estágio Curricular, que aconteceu na turma de pré-escolar, nível 2, onde trabalhei especificamente o resgate da identidade dos alunos, enquanto sujeitos sociais que vivem e convivem em grupos que os identificam, desde o pertencimento à família, primeiro grupo que os insere socialmente e depois, à escola, onde constituem uma turma de alunos, composta de diferentes individualidades que se entrelaçam e costuram mais um capítulo da sua história de pertencimento enquanto grupo social.

Esse novo grupo que se forma é preenchido de vivências cotidianas e familiares, com seus ritos, crenças, hábitos e costumes, entrelaçados de individualidades, constituindo assim mais uma etapa de construção do sujeito que se faz no social, que se forma a partir de identidades que cruzam vivências e convivências. Assim entrelaçados, caminham dentro de determinado espaço físico-geográfico: o local onde moram – o Município.

Pretendo trazer aqui as atividades sobre a identidade pessoal e a história individual de cada aluno que realizei durante o período do Estágio Curricular. Esse trabalho se deu através de pesquisa por escrito, enviadas à família e posteriormente lidas e discutidas com os alunos na turma, em roda de conversa. Nas rodas de conversas é que entrelaçamos as histórias de cada aluno com a história do outro, quer seja através do local que moram, do lugar de onde vieram os pais ou a semelhança ou diferença entre dados escritos, descritos pelos pais.

Todas essas idéias foram analisadas, pensadas, teorizadas e costuradas à luz dos vários autores e pensadores vistos ao longo do curso de Pedagogia à Distância – PEAD, em especial Paulo Freire com sua Pedagogia do Oprimido (1970), que nos aponta uma escola conteudista e fragmentada, a qual denominou de *educação bancária*, e também Pedagogia da Autonomia (1996) que discorre sobre o fazer pedagógico do professor como mediador da construção do conhecimento que o próprio aluno traz consigo para a escola e então incluir ao saber do outro e assim dar-se um saber coletivo.

Também utilizarei o livro Diálogos com Paulo Freire, Teoria e Práticas de Educação Popular (2005), organizado por Liane Borges e Sérgio Vieira Brandão que traz consigo,

através dos diálogos com outros educadores a importância e necessidade do compromisso do educador enquanto profissional da educação.

Enfim, vou delineando a construção do meu trabalho de conclusão do curso após quatro longos anos de muito estudo, de muita batalha. Cheia de ideias, pensamentos e sonhos, e de muita vontade de trazer uma contribuição teórica através da minha fala, preenchida com a fala de tantos autores reconhecidos vistos ao longo do Curso, e ao longo da minha vida profissional, imprimindo a esse trabalho minha própria autoria.

Conforme apresento o texto, registro as obras e ideias por mim apropriadas sobre o tema, a partir de minhas compreensões, apreensões, conclusões e inconclusões, a cerca do assunto por mim pesquisado, nesse primeiro estudo de construção teórica acerca do meu fazer pedagógico, que é uma exigência de finalização do Curso de Graduação de Pedagogia à Distância da Universidade federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

2 A CONSTRUÇÃO DA INFÂNCIA

Durante o Curso tivemos a oportunidade de conhecer um pouco da história que trata da construção da infância, pois a infância não é uma coisa dada e acabada, que sempre existiu ao longo do caminho da humanidade.

Nas interdisciplinas de Infâncias de 0 a dez anos e Escolarização, espaço e tempo na perspectiva histórica, tivemos contato com o pensamento de Philippe Ariès, que nos mostra essa construção através do passar dos anos. Como a criança era concebida em determinadas épocas e como foi se constituindo com o passar dos tempos até chegarmos à atualidade, com o conceito de criança que hoje concebemos.

Philippe Ariès, no livro *História Social da Criança e da Família* (1973, p. 4), diz que “as idades da vida ocupam um lugar importante nos tratados pseudocientíficos da Idade Média”. Então passamos a entender que desde muito tempo já haviam se especificado as etapas de vida social de um indivíduo, mas que os conceitos foram mudando com o passar do tempo, com as conquistas da humanidade e foram tomando importância diferente a cada época.

O termo infância é a idade privilegiada do século XIX, conforme Ariès aponta à página 16, dizendo que a cada época uma delas tem privilégio, partindo das interpretações que a época impõe aos indivíduos, através do contexto que se vive.

Durante muito tempo a criança foi considerada um adulto em miniatura, usando as mesmas roupas em tamanho pequeno, participando das mesmas tarefas, inclusive trabalhando, dentro das possibilidades da sua força física, e rodeada dos adultos.

Ariès inclusive trata das imagens representativas das crianças nos tempos passados, onde os retratos que encontra mostram, na sua análise, uma criança com feições e físico de adulto. A análise de Ariès, pelas artes plásticas, revela que a nova percepção da criança está ligada em princípio à iconografia religiosa. Também o uso de roupas é o mesmo dos adultos da sua classe até o final do século XVI. Somente no século XVII é que as crianças (nobres/burgueses) deixam de se vestir como adultos. Para os meninos, e não para as meninas. Estes também serão os primeiros a frequentar os colégios. Artesãos ou camponeses continuam iguais ao vestuário adulto até a entrada do século XIX, continuando unidos no trabalho e nas vestimentas. Em cada época a criança foi retratada conforme a atualidade e os interesses do momento.

Segundo Áries, na idade média a criança integrava-se na comunidade a qual pertencia e participava de tudo o que pudesse. No século XVI a juventude é privilegiada. Então no século XVIII começa a se separar a primeira infância da juventude, surgindo assim o bambino: uma espécie de brinquedo divertido e agradável para as classes altas. Aqui, infância e adolescência separam-se definitivamente. No século XIX aparece o bebê. Essas são definições da “infância rica e formam parte da sua definição”, conforme Ariès. Para as classes populares, a infância só termina com a independência, ou seja, quando se vive com os seus próprios recursos.

Ao longo da caminhada da humanidade o termo criança passou a se constituir conforme o interesse nela depositado. Conforme vimos na interdisciplina Escolarização, espaço e tempo na perspectiva histórica, num estudo do texto “A maquinaria escolar”, de Júlia Varela e Fernando Alvarez (1992), as crianças passam a ter importância pelos interesses políticos e ideológicos da época, onde são discutidas a invenção da infância e a criação de um espaço específico destinado às crianças. Aqui se cria a escola como a conhecemos hoje, um lugar de combate à educação existente na sociedade da época, permitindo que se institucionalize como obrigatória mantida pelo poder público.

Essa escola é criada para disputar/retirar o poder da educação confessional, instituída pelo clero em parceria com o estado, educação agora considerada manipuladora e aproveitadora de uma época. Penso que aqui é a vez do estado tomar para si o poder de manipular a educação conforme o seu interesse.

Hoje, o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), Lei Federal 8069/1990 diz em seu artigo 1º do Título 1: “considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até os doze anos de idade incompletos”. O Minidicionário Luft (2000) diz que “criança é ser humano de tenra idade, menino, menina”.

Partimos então dessa definição para entrar na escola, onde hoje as crianças passam pelo primeiro nível de escolarização formal, que é a educação infantil, dos quatro meses até seis anos.

2.1 ORALIDADE E LETRAMENTO

Todos os indivíduos passam por etapas do desenvolvimento, em sua formação física e através desse desenvolvimento as fases vão-se fazendo refletir na formação pessoal de cada

um, agregando umas às outras. Nem todos os indivíduos passam pelas mesmas etapas ao mesmo tempo, nem conseguem dar conta de vivenciá-las do mesmo modo, então temos as diferenças de personalidade, de conduta moral e de comportamentos.

Nas interdisciplinas de Psicologia do Desenvolvimento e da Vida Adulta, estudamos as teorias de Jean Piaget, que nos mostraram a importância dessas etapas serem bem vividas pelos indivíduos, pois são necessárias à formação humana, ao bom convívio em sociedade, e necessárias na escola. Pois a escola é um lugar de convivência entre indivíduos diferentes, vindos de diversas famílias, que trazem suas regras próprias de conduta e que devem constituir novas regras conjuntas, pois é local de convivências múltiplas.

De forma geral, todos os indivíduos vivenciam essas quatro fases na mesma sequência, porém o início e o término de cada uma delas pode sofrer variações em função das características da estrutura biológica de cada indivíduo e da riqueza (ou não) dos estímulos proporcionados.

No livro *O Nascimento da Inteligência na Criança*, Piaget mostra que o desenvolvimento do indivíduo inicia-se no período intra-uterino e vai até aos 15 ou 16 anos. E a construção da inteligência dá-se em etapas sucessivas, com complexidades crescentes, encadeadas umas às outras. Para Piaget (1972) as idades de ocorrência dos estádios são variáveis de um sujeito a outro, porém isso não muda a ordem dos estádios pelos quais passam. O ordenamento desses estágios é que se mantém constante e a interação é única para cada indivíduo, conforme afirma Becker (2001).

A função simbólica pela qual as crianças passam no período denominado pré-operatório são então adquiridos dos dois aos sete anos e a marca dessa passagem é a emergência da linguagem. Aqui a criança ainda não é capaz de lidar com ideias diferentes das suas em relação a um determinado tema, tendendo a centrar-se na sua realidade imediata.

A compreensão do processo como se dá o desenvolvimento da inteligência, por definição de períodos em que cada indivíduo adquire novos conhecimentos ou estratégias de compreensão e interpretação da realidade é fundamental para que nós, professores, possamos também compreender com quem estamos trabalhando. Essa é a fase a qual os alunos onde realizei meu estágio curricular, numa turma de pré-escola de nível 2, estão inseridos, pois a turma é constituída de crianças de cinco e seis anos.

Ao adquirir a capacidade de falar, conforme estágio destacado por Piaget na etapa pré-operatória, entre os dois e os sete anos de idade, a criança deve ser estimulada nas suas potencialidades de linguagem, pois podemos explorar de vários modos e através de atividades variadas essa oralização da palavra falada. As crianças estão expostas o tempo todo a essa

oralidade, a fala que distingue o ser humano dos animais, pois desde que nascem são cercadas pelos sons: da natureza, dos objetos, da fala humana, da televisão, enfim do mundo auditivo do qual fazemos parte.

Devemos introduzir momentos em nossa rotina diária da sala de aula para essa atividade, em que proporcionemos aos alunos que falem, contem suas histórias e contem de si, recontem histórias ouvidas, criem suas próprias histórias, recriem sua fala a partir de outra, acrescentem sua opinião, sugestão ou apresentem soluções através desse momento de troca e interação oral, que se dá através da fala, para que possamos ouvir e permitir ao aluno que ele ouça a si e ao outro.

Desse modo podemos, além de ampliar a linguagem do indivíduo pela troca e partilha da oralidade, descobrir alguma dificuldade na sua dicção, bem como é possível ser trabalhada a questão da timidez e da exposição do indivíduo enquanto observado por outros pares. Aqui quero relatar a minha dificuldade de falar em público, que me acompanha desde sempre. Cada vez que preciso expor minha fala em público tenho uma sensação de medo muito grande, suor frio, gela a mão e parece que não conseguirei expressar minha fala. Apesar de ser professora, de fazer o exercício diário de expor-me diante dos alunos diariamente, ainda não consegui superar essa dificuldade, e isso me deixa mais apreensiva ainda, pois tenho uma banca de apresentação do TCC nesse final de Curso.

A pré-escola é um momento de aprendizagens coletivas e individuais, onde através das atividades variadas aparecem as letras constantemente. Em nossa turma isso apareceu muito especificamente nas histórias dos livros, no diário de chamada, nos livros e impressos manuseados pelos alunos e a professora; nas embalagens e rótulos que os próprios alunos trouxeram para nosso trabalho de seletividade dos recicláveis e nos cadernos individuais, nos bilhetes enviados aos pais. Também nos apropriamos da língua escrita nos momentos da Biblioteca Pública, onde os alunos realizaram pesquisas virtuais via internet e praticaram os jogos educativos, bem como na Hora do Conto. Enfim, na sala de aulas e fora dela, o ambiente é alfabetizador, pois há uma constância das letras que também acompanha os alunos cotidianamente na sua vida diária. Soares (2009) destaca que “atividades de letramento na educação infantil devem ser frequentes”.

Introduzimos durante todo o ano letivo, e não somente no período do Estágio Curricular, os mais variados assuntos e temas sempre trazendo as letras, palavras e impressos de modo que nesse manusear, mesmo em roda de conversas, os alunos pudessem ir se apropriando desse mundo escrito. Essa situação ficou bem visível numa atividade realizada em que os alunos ouviram uma história na roda e depois criaram sua própria história:

desenharam o personagem, deram nome e me contaram a história, que escrevi na folha destacada. Retornamos à roda e propus que cada um contasse sua história para o grande grupo. Emudeceram todos. E disseram em uníssono:

___Não sei ler! Respondi-lhes que eles sabiam contar a história, pois o que me disseram foi exatamente o que escrevi ali no papel. Timidamente um aluno se manifestou e disse que ia “ler” sua história. Outros o seguiram e alguns não quiseram.

Aqui percebemos todas as questões que envolvem o letramento e a alfabetização, desde a preocupação do próprio aluno quando se deu conta que há um código e que ainda precisa decifrá-lo, mas ainda não construiu toda essa história para que pudesse dar conta da alfabetização nesse começo de mundo escolar. Assim fomos construindo todo o letramento de que fala Soares, através da sua história, a começar pelo seu nome, nome da mãe e do pai, dos irmãos, do lugar de moradia. Ampliando esse letramento também em conversa realizada na pesquisa feita em casa, respondida pelos pais, sobre a escolha, origem e significado do nome de todos os alunos. Esse também foi um impresso importante que trouxe consigo a escrita de casa, mais importante ainda por conter a história de cada um dos alunos da turma.

2.2 CONTANDO NOSSAS HISTÓRIAS

Nesses momentos de conversa, comecei a me indagar porque os alunos não sabiam dizer da sua história, de quem escolheu seu nome, porque tem aquele nome, qual o significado? Que importância e que tempo a família tem dedicado hoje a seus filhos, meus alunos, de contar-lhes da sua vida? Comparei com minha infância, onde sempre ouvi minha mãe e meu pai contando nossa história, suas histórias e tantas outras histórias que eram contadas oralmente para eles e para nós, pois os impressos naquela época (60-70) aqui em nossa localidade, eram quase que inexistentes, só apareciam nos verões, vinham com os veranistas, moradores na Capital do Estado e em cidades longínquas que nem sabíamos existir, e eram deixados para os moradores da praia, vizinhos, amigos, lerem e manusearem durante os longos invernos que aqui vivíamos.

Essas indagações começaram e me incomodar. E me desacomodaram.

Fui buscar nas famílias que nos contassem então as histórias individuais de seus filhos através de pesquisa de tema de casa, onde deveriam escrever a história de seu filho, depois eu lia essas histórias na roda de conversa, e cada aluno tinha o olho brilhando quando eu lia o

seu nome, contava o que a mãe havia escrito, tarde da noite, depois de um dia cheio de trabalho, e que talvez nem tenha tido tempo para conversar sobre o tema com o aluno.

De novo me deparei com novas dúvidas: porque as famílias não contaram para seus filhos suas histórias de gestação, de nascimento, de como estava o tempo no dia do nascimento? Qual o motivo que não permitiu que a família cumprisse com o papel de construir a história do seu filho em casa, contando ela mesma para seu filho?

Nesse momento da discussão comigo mesma formulei uma resposta possível: a família não tem mais tempo para isso, pois estão todos ocupados no trabalho.

As famílias estão constituídas de outros modos atualmente. Não há mais uma família onde o pai é o provedor exclusivo da sustentação financeira, a mãe não é mais “do lar” como outrora e os filhos não são criados e educados exclusivamente em casa em tempos atuais como vivemos.

Desde há algum tempo a mulher se libertou do título de “dona de casa”, tendo por responsabilidade exclusiva à procriação, a educação dos filhos, a subserviência ao marido e as lidas domésticas.

Agora a mulher assumiu mais papéis além de todos esses que já obtinha: é mãe, esposa e profissional, que também contribui com o sustento financeiro da família. Em muitos casos é a provedora da casa, pois nessa nova formação familiar nem sempre há a figura do pai, do provedor, nem podemos mais dizer do “masculino”, pois a constituição do casal já é possível conjugar-se com um par do mesmo gênero sexual. E, em tantos outros casos cabe à mulher dar conta de suprir o financeiro enquanto o parceiro realiza outras atividades que não de manutenção financeira, até mesmo realizando as atividades domésticas, por tanto tempo denominação exclusivamente feminina. Também encontramos aqui, o desemprego, a procura por atividades paralelas e nem sempre lucrativas, ao menos nem sempre garantia de que venha dinheiro certo, ao final do mês.

E aí? A mãe não estando mais em casa em turno integral, o pai a procura de trabalho, fazendo serviços diários, os filhos ficam sem ter orientação, cuidado e educação familiar em casa, pois os adultos, os responsáveis por essa parte de sustento e educação, não estão mais a disposição dos filhos todo o dia.

Aqui então surge a escola de educação infantil para suprir essa lacuna aberta, pois crianças pequenas não podem se cuidar sozinhas e muito menos se educarem sozinhas, pois não conseguem dar conta de cumprir regras que não criaram e ainda não entendem. Constroem suas regras conforme cada brinquedo que realizam, diariamente, e as quebram no mesmo ritmo e rapidez com que as mudam. Não sabem administrar politicamente cada

situação que se apresenta e muito menos resolver satisfatoriamente as questões alimentares e de higiene básica de si e dos outros com quem moram.

Novas indagações me surgiram aqui: afinal, qual o papel da escola na construção da identidade do aluno enquanto a família não está mais aqui para responder a isso?

2.3 A ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Aprendi ao longo de tanto tempo de estudo, e também de professora em sala de aula, que a escola é um lugar aberto para as ideias, para a troca e interação entre sujeitos, sujeitos esses que constroem sua história juntamente com a história do outro, fazendo então uma nova história nesse fazer/refazer juntos. Alunos e professores, pais e gestores, funcionários e comunidade, todos fazem parte dessa história, pois estando juntos diariamente, construímos mais um capítulo da história de cada um de nós e conseqüentemente, de todos. O individual passa a ser coletivo nessa convivência, nessa interação e intervenção diária entre todos, no mesmo espaço físico, a escola, e no mesmo espaço geográfico, o Município, a localidade, o entorno.

Hoje, a família já perdeu seu lugar de socializar primeiramente seus filhos. Assim que nascem são levados logo à escola. Aos quatro meses já são colocados na creche, e lá permanecem até os cinco ou seis anos. Depois, vão para a escola de Ensino Fundamental e podem permanecer aproximadamente até os 14 ou 15 anos. Depois vão trabalhar, já adquiriram “passaporte de adultos” e devem começar a dividir responsabilidades financeiras e domésticas igualmente em sua casa, pois conforme o ECA, a partir dos dezesseis anos podem ganhar autorização judicial para o trabalho.

Nesse novo tempo que vivemos, pai e mãe batalhando pela sustentação e manutenção das responsabilidades financeiras sobre suas famílias, sobra-lhe pouco tempo para organizarem seus filhos com regras e limites claros sobre como procederem. Mais permissivos pela falta de tempo e maior necessidade de suprir a casa, trocam essa responsabilidade primeira de educação social, pelo abandono necessário das suas obrigações para com seus rebentos. Aqui, aparece a escola como *salvadora da pátria*.

E então as relações começam a se fazerem: seus filhos, nossos alunos, precisam aprender a convivência no grupo, a trocar e partilhar os saberes que trazem de casa, ou não. Desafiam a autoridade do professor, do cuidador, do adulto ali responsável. E essas relações

vão-se construindo no coletivo, pois é preciso respeitar ao outro e cumprir as regras de boa convivência para que se viver junto, em sociedade.

Com isso a escola passa a ter mais responsabilidades por esses filhos da contemporaneidade! Aqui a escola passa a possibilitar-lhes a construção de conceitos, valores e referenciais de vida em grupo, com responsabilidades e possibilidades de se inserirem no meio em que vivem, podendo ou não garantir-lhes uma transformação social, permitindo com isso a construção coletiva das individualidades que aqui se entrelaçam e formam um todo coletivo.

Embora ainda falte muito nas instituições e nos seus administradores, a escola de educação infantil de outrora, vista e utilizada somente como creche, onde os pais deixavam os filhos todo o dia somente para serem cuidados, e os buscavam ao final de um dia de trabalho, levavam para casa e punham para dormir, está em reformulação.

Estamos revendo nossa postura de profissional na Educação Infantil: não mais aceitamos que as crianças ali deixadas sejam exclusivamente cuidadas, pois isso é natural, básico e fácil: alimentar, auxiliar e ensinar a higiene pessoal, organizá-las em grupos, dar trabalhinhos de pintar e recortar para mantê-las ocupadas e prepará-las para a escola fundamental já não é só o papel da escola infantil.

A Educação Infantil hoje já está se instrumentalizando com a exigência da formação profissional a todos que ali trabalham, as turmas devem ser atendidas por um professor qualificado e todos devem ser envolvidos em formação continuada, desde o monitor, atendente, professor, servente, merendeira, até os gestores.

Nossas crianças de hoje não são mais as de outrora, cresceram em todos os sentidos. Já não ficam quietas todo o tempo, não param sentadas uma manhã inteira e não se conformam em simplesmente pintar um desenho pronto em toda aula. Nossos alunos de hoje não são mais criancinhas dóceis e manipuláveis, que se deixam levar uma manhã inteira sentadinhas esperando que o professor, o dono do saber, simplesmente derrame sobre elas seu poderoso saber. Trago essa fala de Dahlberg, Moss e Pence (2003):

Em vez de um vaso, esperando enriquecimento desde o início da vida, a criança pequena é uma rica criança, ativamente engajada com o mundo; ela nasceu equipada para aprender e não pede nem necessita da permissão do adulto para começar a aprender. Na verdade a criança pequena corre o risco de tornar-se pobre nas mãos de adultos, e em vez de se desenvolver, perde suas habilidades com o passar do tempo.

A pré-escola é um espaço de aprendizagem importantíssimo para as crianças, tendo em vista que aqui podem ser exploradas e desenvolvidas todas as potencialidades do

indivíduo, através de atividades necessárias e planejadas, visando o desenvolvimento das potencialidades psicomotoras e cognitivas de todos os alunos. Além de ser um amplo espaço para o desenvolvimento da sociabilidade, pois junto aos seus pares, em grupos, começam a descobrir afinidades, ampliar suas amizades, as relações afetivas, e mais que isso, ainda são trabalhadas no desenvolvimento da linguagem, oralizando sua fala e ampliando o vocabulário na partilha com os colegas.

No âmbito dessa construção, dessa troca e socialização, constroem então as relações de identidade da turma, unindo o individual e formando o coletivo. Aqui, começa toda nossa história dentro do trabalho do estágio curricular que realizei na turma, no oitavo semestre, que passarei a registrar no capítulo seguinte.

3. ENSINANDO HISTÓRIA NA PRÉ-ESCOLA

Ao longo do oitavo semestre do Curso de Pedagogia, no primeiro semestre de 2010, desenvolvi meu estágio curricular obrigatório na escola de educação infantil onde trabalho, na turma do pré-escolar 2 A, no turno da manhã, e que está registrado em meu wiki, nesse endereço: <http://stelamarisestagio.pbworks.com>.

A temática geral desenvolvida no estágio curricular foi “Muitas Histórias”, onde pensei objetivos para trabalhar a história dos alunos inclusos no Município onde moramos – Arroio do Sal - entrelaçando as histórias dos alunos que formam o coletivo da turma e que estão inseridos no mesmo espaço geográfico. Alunos esses que trazem suas características particulares, peculiaridades de cada um, mas que os torna parecidos na conjugação dessas individualidades trazidas para dentro dessa turma que formam na escola: moram na mesma localidade, tem a mesma idade, brincam das mesmas brincadeiras.

A maioria das famílias veio de lugares diferentes e aqui se instalaram em busca de trabalho e de melhor qualidade de vida para oferecer aos filhos, pois somos um pequeno município litorâneo, oferecendo mais tranquilidade e menos estresse, correria e violência das grandes Cidades de onde partem. Todos esses dados acima apontados são carregados para a sala de aula pelos alunos, então assim se constitui a coletividade diversificada da turma em que estão inseridos.

A Escola Municipal de Educação Infantil Bem-Me-Quer, tem como filosofia “proporcionar ao educando um ambiente estimulador de potencialidades de forma lúdico-criativa formando pessoas capazes de amar, inovar, criar e criticar buscando a participação da família na conscientização da importância da escola infantil”. Partindo dessa filosofia, desenvolvi ao longo do período atividades planejadas antecipadamente, dentro das exigências do curso e da professora supervisora do estágio curricular, Hilda Jaqueline Fraga.

Ao longo do tempo realizamos diversas atividades relacionadas com as histórias de todos e de cada aluno especificamente. Iniciei o ano letivo de trabalho com a proposta de dar continuidade aos projetos que iniciamos no ano anterior, tendo em vista que a turma já era minha no ano de 2009, somente mudamos do nível pré-escolar 1 para o pré-escolar 2. Esses projetos estão especificados em minha proposta de trabalho, no wiki do estágio, nessa página: <http://stelamarisestagio.pbworks.com/PROJETO-DE-TRABALHO>.

Elegi o tema “Muitas Histórias” justamente pelo fato de que trabalhamos a história do aluno para adentrá-lo no mundo da escrita, pois a primeira palavra que destacamos no mundo

escrito é o nome de cada um, diferenciando-o do outro, na letra inicial, na quantidade de letras, na fonologia que representa. Mesmo que o primeiro nome possa ser igual, ainda assim podemos diferenciá-lo pelo segundo nome, ou sobrenome.

Cada aluno traz uma história de casa para a escola, essa história é a sua, o personagem principal é ele, exclusivo. Essa história é vivida na família, reconhecendo seu nome ao ser chamado em casa, pelos vizinhos, pelos colegas. Cada um carrega sua história pessoal, mas no momento que chega à escola, passa a entrelaçar sua história com a do outro, pois dividem a mesma sala, partilham brinquedos, materiais, brincadeiras. Envolvem-se com atividades nas rodas de conversas, demonstram suas preferências, registram do seu jeito, brincam e disputam brinquedos, atenção e carinho.

Quis trazer essas histórias para a sala de aula, pois na educação infantil, na pré-escola, muito se trabalha a questão das histórias infantis, da literatura se agrega muito conhecimento aos alunos, em especial aos pequenos. Pois bem, todos eles conhecem as histórias as quais ouvem em casa e a escola também utiliza. Geralmente chegam aqui conhecendo os contos de fadas e algumas coleções infantis que a livraria oferece. Aproveitei também essa ferramenta, a história, e quis que cada aluno fosse identificando sua história contada pela família através de atividades enviadas para esse registro e lida por mim, na roda de conversa ou nos grupos que formamos na sala.

Conforme cada aluno se identificava, ouvindo a descrição feita em casa, seus olhinhos iam brilhando, podia se ver um sorriso despontando e a auto-estima crescendo. Foram momentos importantes de crescimento individual e coletivo que se deu em nossas atividades, pois todos podiam se encontrar nessa tarefa coletiva, e assim costuravam um pedaço da nossa história, da história que fizemos nesse tempo de convivência conjunta.

Resgatei um pouco da História como conteúdo de trabalho escolar que se desenvolve na sala de aula, cujo assunto foi estudado na Interdisciplina Representação do Mundo pelos Estudos Sociais, no quarto semestre do Curso PEAD e que trouxe muitas considerações e informações importantes ao longo do tempo de estudo, onde me foi permitido registrar minha prática em sala de aula através de várias atividades a respeito do ensino escolar ministrado dentro desse conteúdo, que fazem parte da minha prática profissional enquanto professora de alunos pequenos, da educação infantil e dos anos iniciais.

Durante o período do quarto semestre tivemos a oportunidade de estudar sobre o ensino de História, dentro da Interdisciplina apresentada acima, que foi bem importante em meu estágio curricular, bem como aproximou minha prática em sala de aula das teorias e

estudos ali apresentados, e que já se fez um começo para a construção do tema proposto em meu TCC.

Dentro das atividades solicitadas, realizei várias reflexões sobre essa prática e o conteúdo proposto, e que muito disse de mim e do meu trabalho dentro da educação infantil com referência ao conteúdo específico de História.

A apresentação dos conteúdos, aqui por mim especificados no ensino de História, onde realizei algumas leituras importantes na Interdisciplina e me possibilitaram conhecer a realidade brasileira através desse estudo, me mostrou que ao longo do tempo vemos o ensino que a escola nos mostrava através de heróis, onde figuras destacadas como importantes lutaram importantes guerras, a favor de quem, isso nunca nos foi permitido pensar enquanto alunos a 30-40 anos atrás. E era ensinado que essas lutas eram justas e merecidas, e que os heróis morreram em defesa da Pátria! Mas será mesmo que essas guerras, essas lutas eram em nome de questões que beneficiavam o povo em geral? Afinal, de que lado estava quem contava, e será que nos contaram verdades? Não existem verdades. Mas construções, versões do passado. O que devemos perguntar é quem conta? Por que conta essa versão? O que não é contado? O passado é sempre uma construção do historiador. Todos esses fatos, contados pela ótica de um historiador, que traz inserido nela o seu próprio pensar e a quem defende, é simplesmente a versão dos fatos visto por um lado e mostrado a quem interessa, do modo que lhe interessa. Enfim, será que isso que nos apontaram como a História do Brasil pode ser assim mostrada, indefinidamente pela mesma ótica?

Para ilustrar toda essa história que me ensinaram na escola (e que era muito diferente daquilo que nós vivíamos) nos livros didáticos da época, e que existem até hoje em alguns deles, quero fazer um comparativo com a minha realidade: essa história era muito diferente do que vivíamos em nossa localidade, pois era constituída de pescadores, pioneiros que forjaram sua construção em Município hoje, mas que em meados dos anos 50 abriram caminhos para chegar ao mar, vindos da zona rural, e de onde tiravam seu sustento, baseado na pesca, depois o balneário foi se fazendo atrativo litorâneo e o alvo da economia passou a ser o veranismo. Onde então a prática da pesca de subsistência o ano inteiro foi relevado a somente os meses de inverno, sendo a temporada de verão dedicada ao atendimento aos veranistas que aqui foram adentrando. Hoje não é mais praticada e nem tampouco permitida em determinados meses e no verão ela é tida e praticada apenas como esporte, geralmente pelos veranistas e não mais pelos moradores ou pescadores que se fizeram empresários, donos de pontos comerciais e prestadores de serviço aos que aqui aportam na alta temporada do turismo.

O ensino de História que eu vivenciei na escola, nos anos 70 e que ainda se faz presente em muitas escolas hoje, não trouxe praticamente nada da nossa realidade de morador, de sujeitos construtores da história, da sua história e que pode juntar, fundir sua história vivida na história do outro, daquele com quem convive diariamente, e assim constituírem uma história de grupo, que se forja nas suas crenças, lutas e batalhas diárias, não em guerras imaginárias ou apenas descritas por algumas pessoas a quem interessa difundir “aquela história” como versão. Inserir ideias, vivências e pensamentos que os alunos traziam de casa e da sua família, a “sua história”, para constituir uma história de grupo, dentro da escola, da turma em que estávamos inseridos, não era feita em momento nenhum, a não ser nos desfiles de Sete de Setembro quando então podíamos nos “vestir de pescadores e carregar os instrumentos que nossos pais criavam eles próprios, com suas mãos, para pescar”. Aqui representávamos o que éramos. A nossa realidade era aqui permitida através de faz-de-conta, pois era um desfile cívico, e a população, nossos pais, nos aplaudiam de pé e calorosamente!

Lembrando dessas coisas que eu mesma escrevi numa das atividades solicitadas, até me emociono, pois vejo o quanto é importante representar nosso papel, da nossa própria vida, e que à época, não tínhamos nenhuma noção dessa importância, até porque não nos era permitido entendermo-nos como agentes transformadores, como sujeitos da história que vivemos, e que estávamos fazendo a história do Município, da escola, do Litoral, enfim construindo a coletividade da qual participamos.

Minha prática profissional sempre me permitiu, através dos tantos estudos que fiz, da vida que vivi e do que penso ser realmente importante ensinar de História, como conteúdo mesmo em sala de aula, e que posso dizer com muita propriedade que possibilito ao meu aluno construir essas aprendizagens da realidade que todos nós vivenciamos em nossas particularidades, nas nossas individualidades, e que devemos trazê-las para a construção da identidade coletiva, da identidade da turma, do local que moramos e que fazemos acontecer através das nossas histórias pessoais que se fundem e se transformam em história coletiva quando delas nos apropriamos em sala de aula.

Partir da realidade vivida de cada aluno, do nome que cada um traz em seu registro de nascimento, da inscrição na ficha de matrícula, da origem, significado e da escolha que a família fez para esse ser o nome próprio do seu filho, meu aluno, é a primeira e melhor forma de dar a conhecer o que é conteúdo dentro do ensino de História, em sala de aula, com os alunos da educação infantil.

Meu trabalho com os alunos pequenos, na Educação Infantil, busca sempre integrar as vivências de cada aluno, suas individualidades, suas significações, o seu passado (o

nascimento) a construção do seu presente (referindo-se ao seu crescimento, as mudanças que vão ocorrendo no tamanho, desde a dependência para alimentar-se, vestir-se, ser levado para algum lugar), comparando com a vivência do outro, com as características do outro, com as diferenças de pensar e de viver e de fazeres dos colegas. Incluindo aí a família (pessoas com quem moro, quem vive na minha casa), onde moro, quais benefícios tem na minha rua (luz elétrica, calçamento, água tratada, comissão de bairro, quem luta por melhorias,...) raça, crenças, gostos e preferências.

A partir daqui passo a tratar no próximo título da inserção do aluno na escola, na turma a qual está matriculado e as relações que vamos construindo de identidade coletiva, através da minha prática em sala de aula, dentro das atividades que planejei e elegi para registrar em meu estágio curricular.

3.1 AFINAL, DE ONDE VIERAM NOSSAS HISTÓRIAS?

Para iniciar minhas atividades escolares com os alunos pequenos da Educação Infantil, tenho como metodologia de trabalho a roda de conversas, que utilizo para adentrarmos às atividades diárias, fazemos uma grande conversa, que sempre começa com uma exposição daquilo que vamos fazer e porque vamos realizar determinada tarefa.

Quando iniciamos o ano letivo é necessário que nos conheçamos, um por um, e todos que estão matriculados e ali na turma precisam se identificar, dizendo o nome, de onde vem e o nome dos pais, pois cada um deles vem de uma formação familiar e de lugares diferentes dentro do Município. Através desse primeiro contato é que teremos nossas primeiras informações das particularidades dos alunos. Partindo dessa primeira roda de conversa é que traçamos nossas atividades a serem desenvolvidas, pois das sugestões ou indícios dos alunos é que traço meu planejamento, que é feito semanalmente, em um determinado dia da semana. Durante o estágio curricular tive que abrir mão desse tempo de planejamento na escola, pois o estágio deveria ser num tempo corrido e passei então a escrever meu planejamento em casa, à noite.

Através da roda de conversa introduzo todas as propostas de atividades da aula diária e também organizo as sugestões dos alunos em atividades planejadas para posterior ou imediata realização. Iniciei meu estágio no mês de abril, mês que é dedicado ao nosso Município, pois é comemorado aniversário de emancipação política. Aproveitando essa data fazemos variadas atividades de conhecer o local que moramos e a história que conta da construção do nosso

Município, bem como a origem do nome e todo o resto que acompanha a história de como se deu essa construção.

Aproveitando as festividades da data, nosso Município realiza uma Feira do Livro, evento importante para as escolas e para a comunidade, pois nos encaminha para o mundo das letras escritas nos livros. Nessa feira temos a oportunidade de encontrar autores/escritores, de ler e ver as criações de muitas pessoas do mundo escrito, bem como participamos nas atividades propostas de encontro com obras e escritores, mostra de trabalhos dos alunos de todas as escolas do Município, Hora do Conto, teatro, bancas de livreiros, enfim, nos encontramos com o mundo das histórias escritas!

Para trabalhar então todas as questões da construção da identidade do Município, como se formou, quais as histórias que o formaram e como trabalhar o conteúdo do ensino de História na turma de pré-escolar, da educação infantil, tracei um comparativo com as histórias dos alunos, pois cada um deles traz essa história para a sala de aula, e cada família se faz presente no Município.

Primeiramente realizei várias atividades de conhecer a natureza local e os pontos importantes do Município de Arroio do Sal ao longo do mês de março, onde os alunos retrataram nossa natureza local e nas rodas de conversa sempre destaquei essa importância, por sermos um Município litorâneo e que sobrevive do turismo, atual fonte de renda da população. Destaquei também a necessidade de cuidado e preservação da natureza que nos cerca, e então dei continuidade ao projeto¹ que vemos desenvolvendo desde o ano de 2009 na turma, intitulado “Cuidando do Espaço Coletivo” e que tem como objetivo geral “vivenciar ações específicas de limpeza e manutenção dos ambientes externos da escola e multiplicar a ideia à Comunidade”. Todas as atividades ali propostas e realizadas ao longo do período foram de iniciativa dos próprios alunos, que disseram em roda de conversa sua sugestão para resolver os problemas que fomos encontrando ao longo do período em que fomos observando os espaços que nos cercam, fora dos muros da escola. O referido projeto fez parte das minhas arquiteturas pedagógicas, e está registrado em meu wiki do estágio, no endereço já postado no início desse trabalho.

Para inserir os alunos dentro da história do Município tracei algumas estratégias: pesquisa² da escolha do nome, origem e significado do nome dos alunos, respondida pela família para compreendermos que o local de moradia também tem uma origem e traz um nome com seu significado. Para conhecer essa origem e significado do nome do Município,

¹ Ver o projeto no apêndice.

² Ver no apêndice o formulário enviado à família.

tivemos uma Hora do Conto realizada na Biblioteca Municipal Dr. Clovis Webber Rodrigues, onde a responsável pela contação é a funcionária municipal Valdez, que trouxe a história intitulada “As aventuras de papa-Terra”³, de autoria de Ana Paula Machado, professora municipal de Arroio do Sal.

Após a audição dessa história os alunos fizeram seu registro individual e o registro coletivo da turma: em grupos os alunos criaram três painéis⁴ da história do Município, dividida em pré-história (antes da descoberta dos pescadores, quando existia somente natureza), o início da urbanização (a chegada dos pescadores e a construção das choupanas a beira-mar) e finalizamos com a atualidade (todo o aparato comercial e os veranistas).

Enquanto trabalhávamos a construção do Município todas as conversas eram permeadas com as histórias individuais dos alunos: todos têm um nome, quem escolheu e o porquê da escolha, qual o significado daquele nome. Assim nossas rodas de conversa foram se fazendo em torno da história do Município iniciando com a natureza local, depois a posterior vinda dos indígenas para o litoral, e os vestígios que deixaram como registro dessa passagem nos sambaquis aqui existentes; o deslocamento dos pescadores da zona rural e a emergente urbanização, finalizando com a vinda dos veranistas e a atualidade vivenciada por todos nós, nesse tempo presente. Os registros dessas atividades com a história do nome dos alunos e do Município encontram-se registrados nos wiki do estágio e nos blogs da professora e dos alunos. O endereço e os registros se encontram nesse link: <http://stelamarisestagio.pbworks.com/w/page/FrontPage>

Trabalhar a história da identidade de cada aluno partindo da vida dos alunos, o seu nascimento, e os documentos que comprovam essa história como verdadeira foram também trazidos para a sala de aula: em roda de conversas apresentei o registro de nascimento, cada aluno manuseou o seu, procurou e encontrou (ou não) seu nome, pesquisamos ali os números que fazem parte do registro, o dia do nascimento, o número dessa certidão, enfim, localizamos toda a parte gráfica ali existente: nome, letra inicial, data de nascimento, nome dos pais, nome do hospital e do lugar de nascimento. Foi um momento de muita agitação, descontração e também um pouco tenso, pois alguns alunos estavam muito preocupados em identificar e decodificar ali a escrita, e ainda não havia acontecido essa apropriação das letras de todos os nomes por todos os alunos. O como encontrar, onde procurar essa escrita também gerou muita confusão, pois quem ainda não conseguia decodificar as letras do seu nome, queria encontrar logo. Houve um momento bem particular, onde um aluno não vive com o pai biológico, e sim

³ Ver a história no apêndice.

⁴ Ver fotografias dos painéis em anexo.

com o padrasto a quem chama de pai. Rapidamente e bem baixinho se aproximou de mim e perguntou de quem era o nome que estava escrito ali na certidão. Confirmei o nome do pai biológico, e o aluno me disse que queria o nome do pai com quem vive ali. Então lhe disse que falasse com a mãe e expusesse essa ideia, pois somente a família poderia resolver, ou não, essa situação.

Outro documento trazido para a roda de conversa e que foi bastante importante foi a ficha de matrícula da escola, que insere o aluno na turma, o próximo grupo social que o aluno passa a conviver depois da família. Aqui nesse novo espaço de convivência coletiva o aluno passa a fazer parte de novo espaço coletivo, onde deve inserir sua história nesse grupo, e que se faz nesse coletivo com a inserção da sua história.

Partimos então do individual para o coletivo. Esse aluno que aqui está identificado em seu nome próprio passa a fazer parte da turma, em nosso caso, a turma de pré-escolar 2 A. Que ficou constituída de 16 alunos, de idade entre 5 anos e três meses até seis anos completos. Nesse novo espaço de convivência fomos tecendo nossa história coletiva junto com a história individual de todos e de cada um. Passamos agora a formar um todo coletivo, onde temos uma sala demarcada, espaço comum dessas dezesseis crianças, potencialmente em fase de desenvolvimento físico, afetivo, motor e cognitivo. Juntos para a construção inicial do processo social de convivência coletiva primeira, onde devem passar por situações que os levem a entender-se como ser humano individual e próprio, que têm um nome seu, mas que vai juntar-se a outros indivíduos, também com seus nomes próprios e que devem encontrar um jeito harmonioso de conviver durante esse tempo que estão juntos. Aqui, nesse espaço coletivo da turma, começam a praticar ações de contato e encontro com tantos outros, e que esse tempo passado aqui deve ser de construção coletiva de saberes, onde cada um agrega ao seu saber o saber da humanidade, mas que tem seu jeito próprio de fazer esse saber na construção com o saber trazido pelos tantos pares que aqui se encontram.

É forçoso concluir que qualquer esforço de renovação do ensino de história exige uma prática corajosa. Sem querer produzir mandamentos ou regras de conduta recomendável, parece necessário ter coragem de jogar no lixo a comodidade emburrecedora de anotações amarelecidas, repetidas dia após dia, classe após classe, ano após ano. Paulo Miceli (1988).

Finalizo minhas anotações sobre a prática da História na Educação Infantil através da minha prática no estágio curricular com essa fala, pois penso que é necessário ser, de fato, um professor corajoso para modificar uma prática no ensino de História que sempre foi descontextualizada da realidade vivida pelo aluno, e espero que meus pequenos, que estiveram em minha sala de aula nessa primeira etapa da educação formal, a pré-escola,

possam dar continuidade a um ensino voltado para a sua realidade, que busque e aproveite a história de todo e cada aluno no desenvolvimento de atividades contextualizadas dentro das suas vivências coletivas, partindo do individual de todos.

Ainda não finalizei o ano letivo na turma, pois o ano escolar termina em dezembro, continuamos nossas atividades de construção coletiva de conhecimento, partindo sempre das nossas individualidades, das potencialidades de todos e de cada um. Cada aluno acrescenta à história da turma a sua própria, trazida de casa, na vivência e convivência com seus familiares, com seus vizinhos, com os amigos.

Enfim, estamos construindo nossa coletividade através do encontro de todos na nossa turma. As individualidades que aqui passaram a conviver, iniciaram mais uma etapa de vivências conjuntas, pois enquanto seres humanos que somos, necessitamos viver e conviver socialmente com outros pares, e isso nos permite a construção da nossa história coletiva, através das nossas “muitas histórias individuais” que nos acompanham ao longo de toda a nossa vida.

4 ENCERRANDO ESSE COMEÇO DE CONVERSA

Então chega o final essa primeira conversa sobre ensinar História aos alunos da Educação Infantil.

Todo começar vem recheado de ideias, sonhos e pensamentos que nos induzem a um final imaginado, ainda não vivido, sequer sabido, mas já sonhado. Pois bem, quando iniciei a aventura de ser professora não imaginava, em absoluto, como essa história ia ser vivida. O que eu pensava, e já disse na introdução desse trabalho acadêmico, era que iria estar em sala de aula.

Esse estar em sala de aula não me dizia absolutamente nada do que era ser professora, enquanto estudante, até que entrei nesse lugar, pois somente aqui, nesse espaço único, de fato percebi o verdadeiro sentido dessa palavra, dessa profissão. Em nenhum momento imaginei que haveria tanto desafio nessa escolha profissional que fiz. No encontro da sala de aula, com vários alunos, todos muito diferentes e bastante iguais, entendi os tantos desafios com que nos deparamos diariamente. Tantas situações vivenciadas: diversas e adversas, comuns e incomuns, divertidas e não tão divertidas assim...

O final nunca é descoberto primeiro, no começo, no início. Pois o final é o final mesmo, da situação vivida, da expectativa superada, da adversidade vencida, da conquista e da vitória almejada. Consegui dar conta de ser professora e mais que isso, de possibilitar aos meus alunos essa busca da sua identidade, da identidade da nossa turma e de imprimir nossa autoria nesse feito. Na caminhada do ano letivo, na realização das atividades propostas, nas conversas da roda, nos registros individuais e coletivos, fomos superando as dificuldades que vieram, e que não foram poucas.

Tivemos toda uma situação de diluir-se (arbitrariamente) uma turma já em andamento, e constituir-se nova turma agregando alunos novos, perdendo colegas tidos, e juntando alunos de outra turma. Novos desafios se apresentaram, outras histórias adentraram a nossa história em andamento. Todos e cada um dos alunos que chegaram e os que foram embora deixaram a sua marca, escreveram seu capítulo, mais um capítulo dessa história coletiva, compartilhando seus saberes e aprendendo novos saberes conjuntos.

Vivenciar a construção da História, como se deu a origem de cada um, como se fez a história do Município, como se faz a história do aluno e da turma; saber, conhecer a origem do nome, do seu e do outro, do nosso e o da Cidade, essa caminhada que realizamos todos juntos na sala, penso que foi uma vivência bem aproveitada para mim, enquanto professora, e para os alunos, enquanto protagonistas que fomos nessa história.

Conhecer a Cidade e sua história, conhecer a história do colega, do amigo, do vizinho que estuda na mesma turma. Visitar os arredores, os lugares que compõem o Município, ver e rever particularidades desses lugares, do lugar que eu moro, do lugar para onde minha família veio morar. Conhecer histórias da construção do Município, dos moradores daqui, dos pescadores que inscreveram sua profissão na história do nosso município, como originários do local e que imprimiram sua caminhada nessa história, através do nome dado ao Arroio do Sal, originalmente da feitura de sal à beira do arroio que se encontra com o mar, e que configurou-se como histórico no resgate dessa origem. Conhecer o arroio que trouxe os pioneiros moradores da zona rural para a orla atlântica através da caminhada ao longo das suas margens e que abriram caminhos para chegarmos à atualidade, o progresso, o crescimento que hoje vemos em nossa Cidade é um primeiro e importante passo no ensino de História na Educação Infantil.

Caminhamos à beira do arroio, encontramos o mar. Conversamos com um pescador, e pegamos os instrumentos de pesca na mão. Vimos os peixes e tatuíras no balaio, e também vimos um veranista pescando. (O peixinho que o veranista pescou era bem pequeno, então ele chamou os alunos e disse que iria jogá-lo de volta ao mar, pois era muito pequeno e não seria aproveitado). Rolamos na areia das dunas e brincamos de fazer castelo e escultura, brincamos de pega-pega e catamos conchas na beira mar.

Vimos os peixinhos nadando nas águas do arroio, as flores se abrindo na primavera, os Bem-me-queres se abrindo em pleno setembro nas dunas de areia que ainda restam de nossa natureza primária!

Realizamos visitas de inspeção da limpeza urbana, recolhemos lixo da frente da escola e panfletamos em favor do cuidado e da limpeza da praia. Visitamos escolas e outras turmas, repartições públicas e a beira mar para levar adiante essa ideia de cuidado coletivo.

Palestramos⁵ na Semana Municipal do Meio Ambiente, em roda de conversa, contando dos nossos feitos em favor da natureza e do cuidado que todos devemos ter com a natureza; ensinamos a colocar o lixo na lixeira e a separar o lixo em casa, recolhemos recicláveis na escola que têm destinação certa.

Aprendemos juntos que exigir a nota fiscal é um direito nosso e dever do comércio local, e que isso traz benefícios para a população moradora do Município.

⁵ Ver foto em anexo.

Pesquisamos na internet, criamos blogs individuais, registramos nossas atividades no computador do Tele Centro da Biblioteca Pública. Vimos Arroio do Sal pelo telão, através do Google Maps!

Conhecemos artistas locais, que pintam, entalham, registram seus pensamentos em obras artísticas maravilhosas. Estudamos artistas famosos, conhecemos obras famosas e criamos nossas próprias obras. A família também participou dessas artes todas! Desenhando, pintando, recortando, colando. Todos nos fizemos artistas, durante todo esse ano.

Atividades diversas, saídas de campo, visita *in loco*, pesquisa em livros, manuseio de impressos, visitas na sala, viagem ao Município. Viagem ao mundo das letras, dos livros, das histórias. De todas as histórias, possíveis e imagináveis.

Davies (1988) diz que “essa história precisa buscar a maior aproximação possível do real”, e tenho certeza que todas as nossas atividades de resgate da identidade da história do aluno integrada à História do Município, incluindo toda a nossa movimentação no entorno do Município, além da busca da família como aliada nessa tarefa de compreendermos a história coletiva que fazemos levou-nos a essa aproximação necessária do real, vivenciada por todos nós, em sala de aula, em casa, na Cidade. Fazer essa história não é muito fácil, mas pelo menos estamos vivendo-a, e isso é a garantia de que podemos descobrir um outro caminho para ensinar História.

Vivenciei a *educação bancária*, em todos os meus anos escolares, especialmente nos primeiros anos, duramente criticada por Freire há mais de 40 anos atrás, e sei que ainda hoje acontece esse ensino desfragmentado em nossas salas de aulas, mas penso que consegui imprimir uma metodologia de trabalho com meus alunos na educação infantil, através das rodas de conversa, e nas saídas de campo pudemos vivenciar, conhecer e entender a história que vivemos, possibilitando assim uma apropriação de conhecimento aos alunos de maneira mais prazerosa, contextualizada em suas vivências, em especial nas atividades práticas que realizamos.

Chegar a esse final e poder sentir, através do relato de tantas histórias vividas em conjunto, todos juntos, na turma, na escola, na rua, na sala de aula, na Cidade, o quanto vivemos dessa história que fazemos é a melhor parte do trabalho de conclusão. Pois até chegar aqui a caminhada foi árdua, dura, complexa, exigente e exigida. Tantas noites e dias vividos em função do aprender/ensinar, do descobrir o encoberto, de encobrir o já descoberto.

Refletir o trabalho já realizado, feito, dado, mas nem por isso acabado, é muito prazeroso para mim, pois pude trazer nesse registro toda essa história vivida por mim e meus alunos nessa caminhada do ensino da História, começando na pré-escola, com a história do

aluno e adentrando o mundo, pois nossas descobertas, através das tantas atividades que realizamos e que deram certo, e de outras tantas que não deram certo, abrirão novos caminhos para aprendizagens futuras e necessárias.

De tudo fica a certeza de que sempre podemos rever, refletir e repensar nossa prática profissional e podemos refazê-la novamente. Parafraseando Marina Colassanti podemos tecer a cada amanhecer a nossa história, com todo o direito de destecê-la amanhã, em todas as cores e tons que quisermos usar. Pois é necessário que refaçamos o caminho inverso ao que já vivemos, descobrindo novas maneiras, novos métodos e jeitos de buscar aprendizagem sempre, independente que seja essa busca para mim, enquanto professora, ou para meu aluno, pois todos somos aprendizes e podemos tecer e destecer o tapete do aprender. Sempre.

Minhas considerações acerca desse trabalho de conclusão do curso encerram aqui, com a responsabilidade ainda maior agora, pois a partir dos anos de Curso e o Estágio Curricular pude me questionar muitas e muitas vezes qual o melhor caminho para trabalhar com meus alunos, para desempenhar melhor minha profissão.

Ensinar História partindo da nossa história individual e agregando à história do outro é um dos caminhos que encontrei para esse trabalho possível e necessário do ensinar História desde a Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 2 ed. 1975.
- BORGES, Liane e BRANDÃO, Sérgio Vieira. **Diálogos com Paulo Freire**. Tramandaí: Ísis Editora, 2005.
- DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter & PENCE, Alan. Construindo a primeira infância: o que achamos que isso seja? In: **Qualidade na primeira infância perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Artmed. P. 63-85
- ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE – LEI FEDERAL 8069/1990. Porto Alegre: Assembléia Legislativa, 3 ed. 2008.
- FREIRE, Madalena. **A Paixão de Conhecer o Mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 7 ed. 1989.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 5 ed. 1982.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 31 ed. 2001.
- _____. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 36 ed. 2007.
- HARPER, Babette et al. **Cuidado Escola! Desigualdade, domesticação e algumas saídas**. São Paulo: Brasiliense, 32 ed. 1993.
- OLIVEIRA, Zilma Ramos de. Os primeiros passos na construção das ideias e práticas e práticas de educação infantil. In: **Educação Infantil: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 4 ed. 2008.
- PINSKY, Jaime. **O ensino de história e a criação do fato**. São Paulo: Contexto, 4 ed. 1992.
- REVISTA PÁTIO EDUCAÇÃO INFANTIL. Ano VII jul/out. 2009, n. 20.
- SILVA, Juremir Machado da. **O que pesquisar quer dizer: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES**. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento na Educação Infantil**. In: Revista Pátio Educação Infantil. Ano VII jul/out.2009, n. 20.

APÊNDICE 1

CUIDANDO DO ESPAÇO COLETIVO

CLIENTELA: ALUNOS DO PRÉ-ESCOLAR

PROFESSORA: STELA MARIS DA ROSA DIAS

TEMPO DE DURAÇÃO: SETEMBRO/2009 A DEZEMBRO/2010

1. JUSTIFICATIVA

O Planeta Terra está sofrendo com o descuido da população mundial em relação à necessidade de organização dos espaços tanto coletivo como individuais.

Todos os seres vivos necessitam viver em harmonia com a natureza, pois é dela que retiramos tudo o que precisamos para sobreviver.

Durante muito tempo com o processo de urbanização das Cidades o homem foi retirando todas as proteções naturais que a própria natureza nos oferecia como organização natural dos espaços de cada sociedade.

Não havia nenhuma preocupação em que os recursos naturais pudessem vir a acabar.

Agora a poluição das águas nos assusta com uma possível falta desse líquido precioso à manutenção da vida na Terra. Desmatamentos, queimadas, derrubadas de florestas, destruição dos ambientes naturais de cada nicho ecológico são fatos que não podemos mais permitir acontecer, pois prejudica todo o ambiente a nossa volta.

O homem usou e aproveitou tudo quanto foi possível retirar da natureza, agora vivemos novos tempos em que nós todos precisamos devolver um pouco do que nos foi dado naturalmente, fazendo um caminho inverso ao da urbanização: temos que devolver algo para a natureza poder continuar nos ajudando.

É chegado o momento de praticarmos ações em favor dos espaços que nos rodeiam, como lugar de garantir sobrevivência a todos.

Isso justifica nosso projeto.

2. OBJETIVO GERAL

Vivenciar ações específicas de limpeza e manutenção dos ambientes externos da escola e multiplicar a ideia à Comunidade.

3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Observar os espaços externos da escola como lugar aprazível de convivência entre todos.
- Praticar ações específicas de limpeza e organização dos vários espaços externos da escola: pátio de areia e de grama, jardim, pátio coberto, muro, calçada e o quarteirão que a rodeia.
- Experienciar momentos de observação e limpeza da via pública, com recolhimento de lixo no quarteirão da escola e depósito nas lixeiras públicas.
- Visitar escolas e repartições públicas para multiplicar nossa ideia de cuidado com o ambiente que nos cerca.
- Criar e distribuir panfletos à Comunidade enfatizando a importância e necessidade de mantermos todos os ambientes limpos e organizados.
- Confeccionar e divulgar o “Latão Verde” (de autoria de Paulo Morelli) para colocação de lixo selecionado.
- Recolher materiais reaproveitáveis que tenham destino certo no município.
- Aproximar a Escola, o Poder Público e a Comunidade para se envolverem juntas em favor do Meio Ambiente, integrando as diversas Secretarias Municipais em favor do cuidado ao ambiente que nos cerca.

4. ATIVIDADES

- Observação dos espaços que nos rodeiam, enfatizando a limpeza dos ambientes, inclusive do quarteirão e centro da Cidade.
- Organização, limpeza e embelezamento dos espaços externos da escola: pátio de areia e de grama, pátio coberto, jardim de entrada, muro e calçada.
- Recolhimento de lixo e colocação nas lixeiras, inclusive na via pública, no quarteirão da escola.
- Organização e destinação do lixo selecionado recolhido no latão verde da escola, como: recorte dos rótulos e limpeza das garrafas e caixas de leite.
- Ações de panfletagem e distribuição de folders informativos á Comunidade.
- Registros escritos, ilustrativos, fotográficos e virtuais.

5. CRONOGRAMA

Semanalmente, às sextas-feiras, durante o ano letivo e participação em eventos do Município no período do veraneio e quando houver oportunidade.

6. METODOLOGIA

Roda de conversas, produções coletivas, passeios, panfletagem e atividades práticas de organização e limpeza dos espaços coletivos e ações integradas entre Secretarias Municipais, alunos, família e Comunidade.

7. AVALIAÇÃO

Será satisfatório se envolvermos nossos alunos, as famílias, o Poder Público e a Comunidade nas propostas de trabalho entendendo a necessidade de colaboração de todos na manutenção da natureza e da qualidade de vida em nosso Município, em especial, levando à Comunidade a selecionar o seu lixo, depositando nos locais corretos (latão verde e lixeiras públicas) multiplicando nossa ideia a todos quantos forem possíveis.

Projeto Referido à p. 26

APÊNDICE 2**PESQUISA PARA A FAMÍLIA**

1. MEU NOME:
2. QUEM ESCOLHEU E POR QUÊ?
3. QUAL O SIGNIFICADO DO MEU NOME?
4. QUEM AJUDA COM AS TAREFAS DA ESCOLA?
5. QUEM COLOCA PRA DORMIR?
6. QUEM TRAZ PARA A ESCOLA?
7. COM QUEM COSTUMA BRINCAR?
8. QUEM CONTA HISTÓRIAS E QUE HISTÓRIAS CONTAM?
9. O QUE FAZ QUANDO NÃO ESTÁ NA ESCOLA?
10. O QUE COSTUMA CONVERSAR EM CASA?
11. O QUE MAIS GOSTA DE FAZER?
12. TEM ALGUMA MANIA?
13. O QUE ASSISTE NA TV?
14. GOSTA DE ANIMAIS? TEM UM ANIMAL EM CASA?
15. O QUE OS PAIS ESPERAM PARA O FUTURO DE SEU FILHO (A)?

APÊNDICE 3

AS AVENTURAS DE PAPA-TERRA

*ANA PAULA MACHADO

Era uma vez um lindo peixinho chamado Papa-Terra.

Ele vivia feliz nas águas do Oceano Atlântico, o mar.

Todo verão ele visitava uma praia especial. Dizia que gostava dos amigos que encontrava num arroio que desembocava no mar.

Então, sempre que começava a esquentar, Papa-Terra nadava para rever seus amigos. Juntos brincavam, falavam sobre as diferenças entre a água doce do arroio e a salgada do mar. Construíram assim, durante esses encontros e brincadeiras anualmente, um grande laço de amizade, pois se encontravam sempre.

Porém, num certo verão, Papa-Terra chegou e deparou-se com algo diferente: percebeu que uma cabana havia sido construída nas margens do arroio.

Logo, Papa-Terra meio assustado, olhou e perguntou aos seus amigos: __O que houve?

Os amigos explicaram que a cabana pertencia a uns pescadores que diziam gostar muito de caminhar pelas margens do arroio e chegar até o mar para pescar.

Papa-Terra ouviu atentamente tudo o que era dito por seus amigos. Depois de brincarem de “A canoa virou” ele seguiu viagem de volta ao mar.

No próximo verão, como de costume, o peixinho passou pelo arroio e teve outra surpresa: as margens estavam mais estreitas e muitos dos seus amigos não apareceram. Existiam mais cabanas e alguns homens estavam fervendo água do mar, o que Papa-Terra achou muito estranho... Foi quando encontrou um velho amigo, chamado Espia-Maré, e lhe perguntou:

__ O que é isso?

Espia Maré que lhe disse:

__ Está tudo diferente não é? Estão falando que uma grande guerra está acontecendo no mundo e faltou sal para conservar os pescados e demais alimentos, por isso fervem a água do nosso mar, ela vai evaporando e deixa o sal no fundo da panela.

Papa-Terra ouviu atentamente o amigo Espia-Maré, que estava meio triste e depois foi embora, para voltar novamente no próximo verão.

A cada verão apareciam novas cabanas que mais tarde deram lugar às casas.

O arroio, que tinha águas limpas e cristalinas estava agora com lixo e poluído. À sua volta já havia uma Cidade, chamada Arroio do Sal.

E depois de ouvir essa história fica fácil entender o significado do seu nome. Papa-Terra nos últimos anos não tem visitado seus amigos no Arroio do Sal, e comentam que ele está morando agora na “Fenda do Biquíni” e é muito amigo do Bob Esponja...”

FIM

*Professora Municipal de Arroio do Sal.

História referida à p. 27

ANEXO 1

Painel da História do Município citado à p. 27



ANEXO 2

Palestra em Roda de Conversa citada à p. 31.